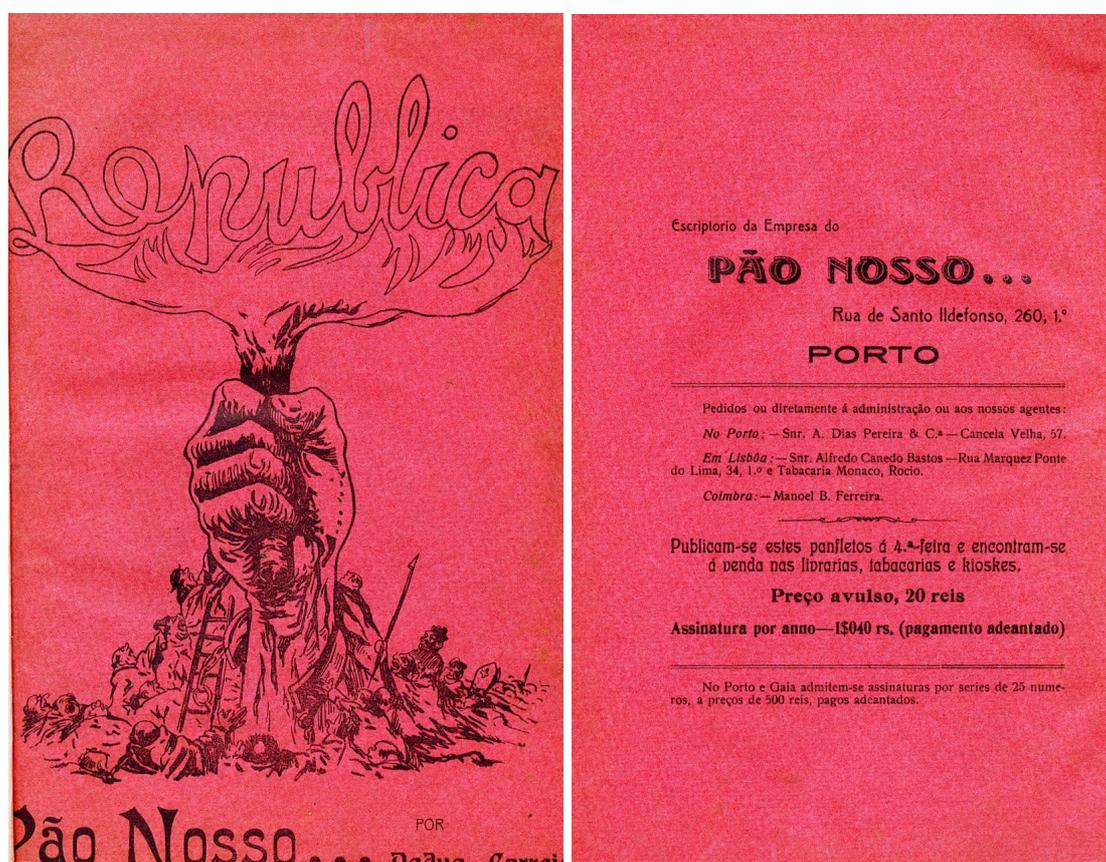


PÃO NOSSO... — Semanário republicano portuense, não noticioso, publicado por **António de Pádua Correia**, às quartas-feiras, entre 19 de abril e 28 de setembro de 1910, ao longo de 23 números.¹ Propriedade e edição da Empresa do Pão Nosso — sediada na rua de Sto. Ildefonso, 260, 1.^o —, cada exemplar deste periódico, composto e impresso na Tipografia Mendonça (rua da Pícaria, n.^o 30) e vendido ao preço unitário de 20 réis², apresentou-se num figurino invariável de 16 páginas, preenchidas em coluna simples e numeradas em contínuo³, introduzidas por sumário de matérias logo após o cabeçalho e guarnecidas por capa de brochura vermelha com ilustração.



Capa e contracapa de um exemplar de *Pão Nosso...*⁴

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/PaoNosso/PaoNosso.htm>

² A assinatura anual, paga em adiantado, era de 1\$040 réis. Eram agentes do *Pão Nosso...*: no Porto, A. Dias Pereira & C.^a (Rua da Canceleda Velha, n.^o 57); em Lisboa, Alfredo Canedo Bastos (Rua Marquês Ponte do Lima, 34, 1.^o) e Tabacaria Mónaco (Rossio); em Coimbra, Manuel B. Ferreira.

³ O volume total da coleção compõe-se de 368 páginas.

⁴ A presente coleção da Hemeroteca não tem capas em nenhum dos exemplares que a compõem. As imagens aqui reproduzidas foram retiradas do blogue *República 100 anos*,

ANTÓNIO DE PÁDUA CORREIA (1873-1913)

Publicação inteiramente empreendida por **António de Pádua Correia**, **Pão Nosso...** foi a síntese e o culminar da obra propagandística do seu autor, destacado homem de imprensa do Porto. Nascido em Sernancelhe, **Pádua Correia** veio a destacar-se no movimento estudantil ligado ao Instituto Industrial e Comercial do Porto, nele fundando o **Movimento Académico Operário**, o qual tentou a constituição da primeira Universidade Livre naquela cidade.

Em 7 de Abril de 1907 foi um dos oradores do comício que, no Porto, congregou apoiantes do pedagogo espanhol Francisco Ferrer. Firmando-se como destacado propagandista republicano, foi redator político do semanário radical *A Defesa* (Vila Nova de Gaia, 1908-1912) e redator e, depois, diretor do jornal portuense *A Voz Pública* (1903-1910).

Foi um dos principais dinamizadores das campanhas republicanas nas regiões do Minho, Douro, Beira e Trás-os-Montes. Veio a colaborar nos diários republicanos do Porto *A Pátria* (1909-1911) e *A Montanha* (1911-1936) — na época órgão do PRP — e, já em Lisboa, foi diretor político do primeiro número do vespertino *O Heraldo* (1911). Candidato republicano pelo círculo do Porto (Ocidental) nas eleições de 5 de abril de 1908 (pertencia à comissão municipal local do Partido), foi deputado às Constituintes de 1911, tendo falecido na capital em 1913.

O papel destacado na divulgação do ideário republicano valeu-lhe o reconhecimento de correligionários e de colegas da imprensa portuense: em 1904 e 1905 foram fundados, respetivamente, o **Centro Democrático Luz e Esperança Pádua Correia** (Valbom) e o **Centro Democrático Pádua Correia** (Fânzeres); em 1909, foi-lhe prestada homenagem em retrato na 1ª série da *Ilustração Popular* e, por ocasião do seu falecimento, foi-lhe dedicado o 1º número da 3ª série (julho de 1913) da revista libertária *Ideia Livre*, nele colaborando, entre outros, Leonardo Coimbra, Sampaio Bruno, Jaime Cortesão e Ângelo Jorge⁵.

O PÃO NOSSO..., O CONGRESSO REPUBLICANO E A REVOLUÇÃO

Pádua Correia assumiu, desde o início, a natureza panfletária do seu jornal, considerando-o até, em prosa de apresentação de tom narrativo (“Panfletos e

disponíveis em linha no endereço <http://republica100anos19102010.blogspot.pt/2009/10/pao-nosso.html>.

⁵ Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*; Alfredo Ribeiro dos Santos, *História literária do Porto através das suas publicações periódicas*, pp. 166, 170, 176, 194 e 359; Daniel Pires, *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX, (1900-1940)*, p. 193; *Jornais republicanos, 1848-1926*, pp. 79 e 239; Mário Matos e Lemos, *Jornais diários portugueses do século XX*, pp. 349, 436, 484, 536 e 622; Raúl Rêgo, *História da República*, vol II, p. 19; *Almanach Democrático para 1908*, p. 85; A. H. de Oliveira Marques (coord.), *Parlamentares e ministros da 1ª República (1910-1926)*, pp. 170-171; Edgar Rodrigues, “Educação e cultura libertária”; Maria Gomes, *Caracterização de Gondomar durante a 1ª República*.

panfletários⁶), como apenas mais um desses papéis interventivos publicados em épocas de conturbação política. No mesmo número inicial, a propósito e em defesa da existência, princípios e funções das associações secretas (Maçonaria e Carbonária)⁷, o autor clarificava em nome de quê dava à luz o seu panfleto:

«A República não vem por seu pé. A República nunca vem, se nós, republicanos, a não trouxermos. Isto é: para termos a República, é necessário que nós a façamos. Como se derrubam regimes? Conspirando e batendo-se.»⁸

Conspirar e bater-se ativamente para derrubar o regime era pois o mote do **Pão Nosso...** (como o foi de toda a ação política do seu autor), linha programática que acompanhava, não por acaso, o grande desígnio consolidado no 11º Congresso do Partido Republicano que, a 29 e 30 de abril de 1910, se realizou no Porto. De facto, ainda que sem ligação orgânica formal entre o periódico e a reunião partidária, é no quadro de um profundo imbricamento entre ambos que a missão do **Pão Nosso...** ganha pleno significado.

O panfleto iniciou publicação dez dias antes do Congresso, veiculando, antes e depois daquele, a linha central de ação do Partido Republicano — a tomada do poder por via revolucionária. Logo no exemplar de dia 4 de maio, sob a forma de carta a um amigo impaciente pela revolução e farto de falatórios, o autor fazia um sumário do congresso republicano realizado, assegurava que aquele caucionara a via revolucionária e terminava: «E agora, meu homem, limpa e brune com amor a tua espingarda, que as revoluções não se aprestam aos vivos»⁹.

Em suma, o **Pão Nosso... constituiu-se como veículo local de propaganda republicana na fase de assalto ao poder**, tentando compensar pela sua ação as insuficiências estruturais e organizativas que o próprio autor reconhecia nas fileiras republicanas do Porto, por comparação com as de Lisboa¹⁰. Não admira que, implantada a República, a publicação se tenha extinguido, cumprido que estava o seu propósito.

Naturalmente, o incitamento revolucionário não esgotou, de forma explícita, o conteúdo publicado ao longo dos 23 números do **Pão Nosso...** Concorrendo para esse desiderato, foram convocadas diversas matérias, desde a denúncia dos escândalos da Monarquia (particularmente a questão Hinton) e os crimes da ditadura franquista, até às memórias pessoais do dia do regicídio no Porto¹¹ e das jornadas de propaganda na província com os inevitáveis conflitos com caciques monárquicos¹², passando pelo “tradicional” (mas fugaz nesta publicação) elogio de Afonso Costa¹³.

⁶ N.º 1, pp. 1-4.

⁷ Prenunciando o que seria uma moção proposta por João Chagas no Congresso Republicano e aprovada por unanimidade (v. Fernando Catroga, *O Republicanismo em Portugal...*, vol. 1, p. 152).

⁸ N.º 1, pp. 10.

⁹ N.º 3, p. 48

¹⁰ V. n.º 20, pp. 308-313.

¹¹ N.º 3, pp. 33-39.

¹² N.º 18, pp. 273-278.

¹³ N.º 8, pp. 126-128.

Concorrendo simultaneamente para o já referido propósito geral da publicação, podem-se indicar esquematicamente as seguintes três linhas preponderantes de conteúdos:

- o ataque direto a figuras do regime e a instituições e entidades que o apoiavam, com particular veemência para com D. Manuel II¹⁴, mas também José Luciano de Castro¹⁵, António Cândido¹⁶, Teixeira de Sousa¹⁷, Francisco e Caetano da Veiga Beirão¹⁸, Agostinho de Azevedo Campos¹⁹, Vasconcelos Porto²⁰, Adolfo Pimentel²¹, Oliveira Matos²² e a vereação monárquica do Porto (por ocasião do centenário de Alexandre Herculano)²³; no campo da imprensa, o jornal monárquico *Palavra* e o seu articulista Artur Bivar²⁴, e o *Correio do Norte* e o seu redator Isaías Abúndio, veículos de propaganda clerical²⁵; no campo da Igreja ou de católicos destacados, os bispos de Beja e da Guarda e o Visconde de Samodães²⁶;

- a crítica acerba a personalidades, entidades e eventos que (ou onde se) preconizasse uma via de entendimento com a Monarquia ou se mostrasse indiferença pela questão do regime, ainda que com intuítos reformistas — contrapondo-se, por isso, ao desígnio revolucionário do Partido Republicano. Neste âmbito, foram causticados Reis Santos²⁷, Consiglieri Pedroso e Azedo Gneco²⁸ — bem como, por extensão, todos os intervenientes no Congresso Nacional de maio desse ano, na Sociedade de Geografia de Lisboa²⁹ —, Marnoco e Sousa³⁰, Agostinho Fortes³¹, o Partido Socialista (que, não se juntando ao campo republicano, dividia a frente progressista, beneficiando os monárquicos)³² e o dissidente José de Alpoim³³;

- a denúncia da corrupção intrínseca ao regime monárquico, decadente e sem solução de continuidade, visível na eliminação nos cadernos eleitorais de 2000 eleitores do Porto pelo Supremo Tribunal³⁴, nas perseguições a que estava sujeita a imprensa republicana, por oposição à impunidade da imprensa

¹⁴ N.º 10, pp. 150-152, e n.º 22, pp. 350-352.

¹⁵ N.º 4, pp. 53-60.

¹⁶ N.º 5, pp. 72-76.

¹⁷ N.º 7, pp. 109-112; e n.º 13, pp. 198-203.

¹⁸ N.º 1, pp. 14-16.

¹⁹ N.º 11, pp. 166-171.

²⁰ N.º 15, pp. 236-240.

²¹ N.º 17, pp. 268-269.

²² N.º 21, pp. 321-325.

²³ N.º 1, pp. 4-9.

²⁴ N.º 9, pp. 135-141.

²⁵ N.º 16, pp. 246-250.

²⁶ N.º 11, pp. 161-165; e n.º 18, pp. 278-283.

²⁷ N.º 2, pp. 17-23, e n.º 7, pp. 97-102.

²⁸ N.º 5, pp. 65-71

²⁹ V. n.º 5, pp. 65-71, e n.º 7, pp. 97-102.

³⁰ N.º 12, pp. 177-182.

³¹ *Ibidem*, e n.º 15, pp. 231-236.

³² N.º 19, pp. 299-301.

³³ N.º 15, pp. 225-231, e n.º 21, pp. 329-331.

³⁴ N.º 13, pp. 203-206.

católica³⁵, ou na organização dos processos eleitorais nas colónias, quando não em toda a política colonial da Monarquia³⁶.

Conquanto o alcance propagandístico do **Pão Nosso...** fosse prioritariamente local, a verdade é que as matérias estritamente relacionadas com o Porto foram escassíssimas, contando-se apenas duas prosas dedicadas a causticar a vereação monárquica da cidade, de que estavam excluídos, naturalmente, os vereadores republicanos Duarte Leite e Germano Martins³⁷. Pelo contrário, não é de estranhar que, num panfleto político aguerrido como este, estivessem praticamente ausentes conteúdos não (imediatamente) políticos, registando-se apenas uma carta a Manuel Laranjeira sobre a conversão católica de Gomes Leal (que ao autor repugnava) seguida da apreciação da obra deste (que **Pádua Correia** considerava inferior à de Junqueiro)³⁸, e uma sentida lembrança e elogio ao escultor Augusto Santo, no 3.º aniversário da sua morte — prosa de gravidade e pungência excepcionais em meio ao tom geral do panfleto³⁹.

Finalmente, quanto a este, o tom do **Pão Nosso...** ou o estilo de **Pádua Correia**, era ele enformado de uma linguagem bastante “solta”, verrinosa, agressiva, com recurso frequente à expressão reles e mesmo ao palavrão, à insinuação torpe e à ofensa direta, ainda que tudo isto vazado numa fluência articulada e composta, sem insultos gratuitos ou excessos de baixezas, numa economia argumentativa amparada entre a raiva e o sarcasmo que, ainda hoje, atrai à leitura como exemplo de arma demolidora e eficaz de propaganda.

Como exemplos, e não dos mais excessivos, transcrevem-se aqui três passagens dedicadas a outras tantas figuras do regime:

- sobre D. Manuel II: «Eu não tenho o preconceito de que todos os príncipes, só por nascerem príncipes vêm estúpidos, nem que todos os cavadores sejam super-homens afogados no suor proletário. Porém, o Sr. D. Manuel abusa do talento. [...] Ora, neste mundo, toda a gente tem o sagrado direito de ser estúpido, menos um chefe de estado. Um cidadão construído de pedra e cal, prejudica-se a si próprio. Um rei de cabeça dura, a todos nos prejudica. As amostras da mentalidade do Snr. D. Manuel, até hoje, não valem a mortalha do cigarro do Matias. Seu pai D. Carlos, extremou-se do vulgar, tanto na vida como na morte. E nós baixamos da tirania dum déspota, para o despotismo parvo dum rapazote, ermo de pelos no queixo e ermo de inteligência. Avantajado lucro!»⁴⁰;

- sobre José Luciano de Castro: «[...] Sua Majestade Bacoco Magno, rei dos lusos e da Lusitânia, e das conquistas, navegação e comércio do Crédito Predial. Traz a honestidade na boca e a corrupção no peito. São setenta e dois

³⁵ *Idem*, pp. 206-208.

³⁶ N.º 16, pp. 251-253.

³⁷ Cf. n.º 1, pp. 4-9 e n.º 16, pp. 254-256.

³⁸ N.º 17, pp. 257-263.

³⁹ N.º 23, pp. 353-359.

⁴⁰ “Agudezas d’El Rei”, n.º 10, pp. 151-152.

anos de galés, com a grilheta da virtude chumbada aos tornozelos. É o mais venerando dos coirões imaculados.»⁴¹;

- sobre Reis Santos: «O Sr. Dr. Reis Santos é, por temperamento ou por causas psicológicas, um grande orgulho mental em busca de uma popularidade... que se recusa a segui-lo. Leva o tempo semeando aparências demolidoras, com tassalhos dum falso anarquismo. Na realidade secunda a propaganda reacionária, sob uma forma subtil e requintadamente jesuítica. Espalha sombras. Sofre duma hipertrofia do *eu*. Dois terços da conferência arrastou na história da sua vida. Parecia um plágio insonso das *Confissões* de Rousseau.»⁴²

Curiosamente, o último artigo do **Pão Nosso...**, “O Porquê das bombas”, foi uma defesa do uso da bomba pelos que lutavam contra a arbitrariedade, a única arma que lhes restava contra a violência do estado tirânico. Com ele terminava o n.º 23, de 28 de setembro de 1910. O número seguinte, que deveria sair a 5 de outubro, já não foi dado a público — uma revolução em Lisboa consumou em pleno os esforços de **António Pádua Correia**.

Por Pedro Teixeira Mesquita

Lisboa, Hemeroteca Municipal, 19 de Junho de 2014

BIBLIOGRAFIA

ALMANACH Democratico para 1908, Lisboa : Eurico Castelo Branco, 1908.

CATROGA, Fernando, *O Republicanismo em Portugal: da formação ao 5 de Outubro de 1910*, vol. 1, Coimbra: Gabinete de Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1991 (estudos, 15).

GOMES, Maria, *Caracterização de Gondomar durante a 1ª República* [Em linha] [Cons. 19 Junho 2014] Disponível na WWW: <URL <http://www.slideshare.net/mariafimgomes/caracterizacao-de-gondomar-durante-a-1-repblica-6402124#>>.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédica, Lda., 1978.

JORNAIS REPUBLICANOS, 1848-1926, Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2011.

⁴¹ “Bacoco Magno, rei da Lusitânia”, n.º 4, p. 54.

⁴² N.º 2, p. 18.

LEMOS, Mário Matos e, *Jornais diários portugueses do século XX : um dicionário*, Coimbra: Ariadne Editora/Ceis20, [2006].

MALTEZ, José Adelino, *Tradição e Revolução : uma biografia do Portugal político do século XIX ao XXI*, vol. 1, (1820-1910), Lisboa: Tribuna da História, 2004.

MARQUES, A. H. de Oliveira (coord.); Guinote, Paulo; Mesquita, Pedro Teixeira; Dias, João José Alves, *Parlamentares e ministros da 1ª República (1910-1926)*, Lisboa/Porto: Assembleia da República/Edições Afrontamento, 2000.

“PÃO NOSSO”, in *República 100 anos, 1910-2010* [Em linha] [Cons. 19 Junho 2014] Disponível na WWW: <URL <http://republica100anos19102010.blogspot.pt/2009/10/pao-nosso.html>>.

PIRES, Daniel, *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX, (1900-1940)*, Lisboa: Grifo, 1996.

RÊGO, Raúl, *História da República*, vol II, *A Transição da Monarquia para a República*, [S. l.]: Cículo de Leitores, 1986.

RODRIGUES, Edgar, “Educação e cultura libertária” [extrato do livro *ANARQUIA: Uma visão da história do movimento libertário em portugal*] [Em linha] [Cons. 19 Junho 2014] Disponível na WWW: <URL <https://www.nodo50.org/insurgentes/textos/educa/04culturalibertaria.htm>>.

SANTOS, Alfredo Ribeiro dos, *História literária do Porto através das suas publicações periódicas*, Porto: Edições Afrontamento, 2009.